

Elza Mesquita
elza@ipb.pt
Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Bragança

“Práticas de Leitura no 1.º Ciclo do Ensino Básico”

Resumo

A presente comunicação pretende reflectir sobre o desenvolvimento de alguns projectos que os alunos da formação inicial têm vindo a implementar em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico. Portanto, o que vos apresento, constitui-se num conjunto de experiências onde se promoveram atitudes investigativas face às práticas, relativamente à leitura e, sobretudo, no que diz respeito à exploração de técnicas de leitura e métodos de escrita criativa em turmas do 3.º e 4.º anos. Nos contextos educativos, os alunos em formação inicial que realizam o estágio pedagógico, têm observado que as possibilidades de contacto das crianças com os livros, normalmente, são reduzidas. Têm constatado também que as crianças manifestam dificuldades na leitura e na escrita. Tendo em conta estes problemas temos vindo a reflectir conjuntamente sobre a forma ou formas de criar oportunidades educativas que possibilitem à criança construir *conhecimento enciclopédico*, potenciando a expressão leitora e a expressão escrita para minorar essas dificuldades. Apresento assim a minha perspectiva daquilo que se constituiu como experiência de aprendizagem da lecto-escrita no 1.º Ciclo do Ensino Básico, mostrando algumas das actividades desenvolvidas que procuraram fazer de cada criança envolvida um leitor/escritor.

Introdução

A mudança de atitude relativamente à formação de crianças leitoras e escritoras deve ser percebida numa perspectiva sócio-construtivista, devendo esta concretizar-se através de processos de permanente inovação das práticas, pois nada se mantém igual por muito tempo na sociedade da era digital.

No trabalho de cooperação/colaboração/orientação desenvolvido por formandos(as) da Licenciatura em Professores do Ensino Básico – 1.º Ciclo, da Escola Superior de Educação de Bragança, a formadora da ESEB e dos supervisores cooperantes dos contextos onde se desenvolve a acção educativa, através de uma metodologia de investigação-acção, partiu-se da análise da situação inicial em que cada criança se encontrava ao nível da leitura e da escrita no sentido de construir um conjunto de ferramentas de mudança, fossem elas conceituais, estratégicas e/ou técnicas. O nosso papel no desenrolar de toda a acção foi o de apoiar as formandas na preparação de estratégias para implementação em sala de aula, bem como proceder a reuniões de reflexão semanais conjuntas com os supervisores cooperantes e os(as) formandos(as), levando-nos a investigar novas formas de actuação que, após a detecção dos problemas, nos permitisse actualizar a concepção de aprendizagem da escrita e, sobretudo, da leitura. Neste sentido, o desenvolvimento da competência de aprendizagem da lecto-escrita deveria ser articulado com a aquisição de outros conhecimentos disciplinares para contrariar a suposição de que a “escrita é algo de solitário, absolutamente individual e que os grandes e pequenos escritores escreveram todas as suas obras em completa solidão, no máximo em diálogo com o seu potencial leitor” (Gil & Cristóvam-Bellmann, 1999, p.16).

Reflectimos muito sobre as actividades a implementar inicialmente, pois o objectivo era desenvolvê-las de forma progressiva, que nos permitissem observar a evolução das crianças. Relativamente à leitura foi importante posicionarmo-nos face ao que nos diz

Cadório (2001), sustentada em Díaz, os profissionais de educação, educadores e professores, devem pois saber escolher os livros que põem à disposição das crianças em função da faixa etária e apresenta-nos um Quadro onde retrata a evolução de uma criança enquanto leitora.

Quadro 1 – Evolução da criança como leitor

Etapa	Características	Temporização
Leitor "lúdico"	A criança que ainda não lê, mas ouve histórias, torna-se um "jogador" confiante num mundo de fantasia.	Educação Pré-Escolar
Leitor como Herói	A criança é a figura principal dum romance que ela constantemente reescreve à medida que relaciona com a imagem que tem do mundo como as pessoas se comportam.	Do 1º Ciclo à Adolescência
Leitor como Pensador	O adolescente olha para as histórias para descobrir significados para a vida, valores e crenças, imagens e modelos de imitação.	Adolescência
Leitor como Intérprete	O texto é visto como algo feito por alguém, como algo problemático que requer interpretação	Universidade
Leitor Pragmático	O leitor adulto escolhe, consciente e pragmaticamente, os usos das suas leitoras.	Adulto

Fonte: Díaz, cit. por Leonor Cadório, *In O gosto pela Leitura*

Tendo em consideração a faixa etária em que se encontravam as crianças e a sua etapa de evolução como leitoras fomos pesquisar técnicas de leitura criativa para podermos implementar e experimentar. Neste sentido, encontrámos em Recasens (1994) um conjunto de técnicas, a saber:

- Controlo da velocidade de leitura – consiste em cronometrar o tempo que a criança demora a ler em voz baixa um determinado texto.
- Exercícios para melhorar a rapidez – estes exercícios deveriam fazer-se periodicamente, não exigindo qualquer preparação de material.
- Compreensão da leitura – são múltiplas as variáveis e mecanismos que actuam e portanto a sua avaliação oferece maiores dificuldades do que na determinação de rapidez de leitura. Dentro da compreensão da leitura temos os seguintes recursos: reconstrução de um poema, troca de parágrafos, troca de linhas, colocar os títulos nas notícias, acertar a palavra definidora, acertar a resposta correcta, execução de ordens escritas, jogo do círculo, realização de um desenho concreto, quadros lógicos, palavras mutiladas, frases partidas em horizontal, completar textos, corrigir disparates, escolher a palavra correcta em cada caso, ordenar uma pequena história, etc.
- As folhas de jornal – são exercícios utilizados para fins gráficos, como fontes de informação, elementos motivadores da leitura e da escrita, entre outros aspectos: tipos de letra, o nosso nome, quebra-cabeças, notícia disparatada, procura a gralha, classificação de notícias, a que cinema vamos?, pequenas investigações, etc.

Existem outras técnicas de leitura para além das apresentadas anteriormente, Couchaere (1992) refere as seguintes:

- A varredela horizontal – as crianças efectuem uma leitura completa do texto;
- A varredela vertical – o texto é lido em movimento por um leitor que utiliza a totalidade do seu campo visual.
- A varredela diagonal – as crianças lêem um texto seguindo um risco que percorre o mesmo.

As técnicas de leitura implementadas nos projectos desenvolvidos, para além das já mencionadas foram: variante da varredela horizontal; variante da varredela vertical, a varredela diagonal, a leitura por palavras começadas por uma letra identificada ou que estivesse incluída na palavra, a leitura de três em três linhas e a cronometragem da leitura.

Fomos também à procura de suportes teóricos sustentadores das actividades ligadas ao desenvolvimento de uma literacia da escrita e encontrámos em Gil e Cristóvam-Bellmann (1999) os instrumentos necessários ao seu desenvolvimento. A escrita criativa pareceu-nos um bom suporte para a acção. Planificámos utilizando metodologias alternativas que pedimos emprestadas aos teorizadores referidos e, para responder às nossas preocupações, foram desenvolvidos os seguintes métodos de escrita criativa: Escrita em grupo/colectiva; Visualização; Trabalho com o texto; Escrita livre (sem tema/com tema); *Cluster*; e *Block-busting* (Desbloqueamento na escrita).

Implementação do projecto de investigação-acção

Através da pesquisa, descobrimos caminhos que nos possibilitaram encontrar estratégias de intervenção, tendo sempre em conta a implementação de actividades progressivamente mais complexas, permitindo-nos assim sustentar a acção. Planificámos a acção educativa utilizando metodologias alternativas que pedimos emprestadas a diferentes investigadores. A implementação de técnicas de leitura e técnicas de escrita criativa constituíram-se como suportes de acção e instrumentos preciosos no desenvolvimento de uma acção curricular transdisciplinar e integradora.

Centradas na compreensão do contexto de actuação e numa intervenção informada sobre a real situação do desenvolvimento de competências literácicas ligadas à lecto-escrita das crianças dos estudos, procurou-se que os projectos de investigação-acção fossem do tipo colaborativo, isto porque concordamos que a colaboração potencia “espaços de participação, diálogo e negociação”, permitindo o “reajuste contínuo dos planos e estratégias de acção” (Moreira et al., 2006, p. 67), favorecendo, ainda, a cumplicidade de todos os intervenientes. No esquema da Figura 1 apresento o processo (espiralado) utilizado no desenvolvimento do projecto.

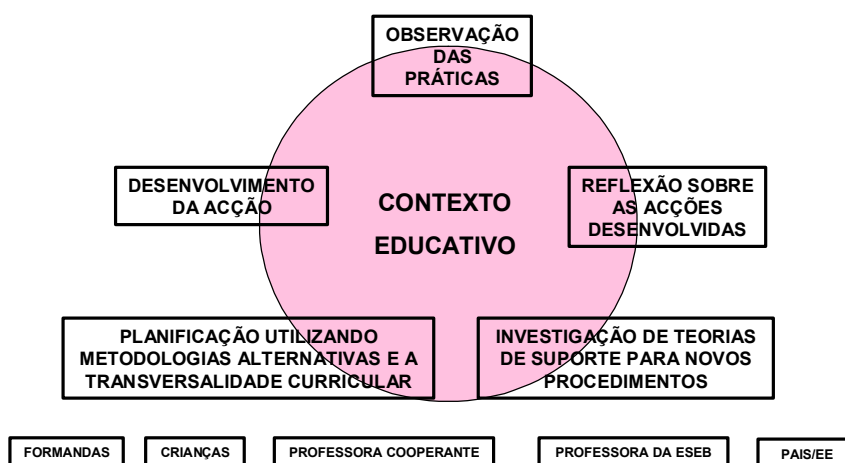


Fig. 1

Por um lado, ao acharmos que a leitura é parte integrante na vida de cada criança, pensámos poder levá-la a “enriquecer-se pelo contacto com outras vivências e com outros mundos”, desenvolvendo competências de lecto-escrita potenciadoras de um “bom desempenho na sua vida escolar e, posteriormente, para a sua inserção social e para a sua vida profissional”, pois “numa sociedade que se afasta cada vez mais do livro e da leitura, é fundamental acordar os ‘não-leitores’, despertando-lhes o gosto pela leitura” (Duarte, 2002: 46). Por outro, partiu-se do pressuposto de que os livros, além de auxiliares na

aprendizagem do mundo, formam o leitor no gosto, desencadeiam a criatividade e o sentido estético.

As situações de interação, contacto e manuseio de diferentes materiais escritos são importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita. Contudo, no processo de reflexão considerámos que seria mais enriquecedor se a interação, manuseio e contacto tivessem como suporte histórias criadas pelas crianças, pois a recriação iconográfica e os enredos nelas explícitos podem ser uma chamada ou um convite que fascina a criança, proporcionando-lhe imenso prazer e interesse. Procurou-se, em todos os momentos, ter presente a escrita criativa como suporte de acção e como um instrumento precioso no desenvolvimento de uma acção curricular transdisciplinar.

Privilegiou-se uma metodologia assente numa aprendizagem de (des)construção de conteúdos, partindo de um levantamento prévio dos conhecimentos que a criança já possuía. Para tal, introduziram-se actividades de observação, exploração, registo de dados (registos gráficos e escritos das crianças – procurou-se obter o máximo possível de informação relacionada com o texto e a imagem recolhida nos trabalhos produzidos pelos alunos; e registos fotográficos e vídeo) e respectiva análise.

No desenvolvimento dos projectos propusemo-nos:

- Enriquecer a linguagem escrita e oral a nível do vocabulário, pronúncia e construção de frases;
- Favorecer o desenvolvimento pessoal e criativo;
- Potenciar as interações de leitura, escrita e a oralidade interpares;
- Reconhecer as obras de Literatura como instrumentos de construção de competências transversais;
- Experimentar o prazer pela leitura e escrita através de uma grande variedade de formas de expressão;
- Estruturar o trabalho de leitura e escrita a partir de diferentes desafios;
- Adequar o conteúdo e a forma à finalidade do texto escrito.

Exemplos de algumas actividades desenvolvidas

No âmbito da leitura

Nos jogos de leitura de imagens podemos aceder a um conjunto de convenções gráficas que permite à criança oralizar sobre aquilo que observa. Neste sentido, foram apresentadas algumas imagens para percebermos o que as crianças liam. Saliento a imagem seguinte.



Fig. 2 – Imagem apresentada para ser lida

Na narrativa dinâmica que se estabeleceu, por unidades temporais de observação, percebemos que, inicialmente, a criança descreveu a imagem parcelarmente, isto é, focalizou-se nos pormenores (raposa e lebre). À medida que ia realizando mais leituras ganhou agilidade visual e eis que percebeu o todo! A partir da descoberta, nunca mais

olhou para esta imagem sem ver a fera. Saliento um dos comentários que se ouviam depois da descoberta: “Professora agora até parece que vai saltar da imagem!”. Porém, a selecção da imagem deve ser ajustada ao mundo da criança, de forma a ser possível a sua identificação e permitir uma progressão sustentada do seu conhecimento.

Depois de se terem explorado um conjunto de actividades onde se trabalhou muito o aspecto visual dos elementos gráficos (icónicos e escritos) partiu-se para a implementação de diferentes técnicas de leitura, onde se salienta: *a varredela horizontal; a varredela diagonal; a varredela vertical; e a estratégia de sobrevoos*. Técnicas de leitura estas inseridas nos designados Métodos CELER (Couchaere, 1992).

Na *varredela horizontal* a criança começa a ler durante alguns minutos, seguindo cada linha com o lápis, a uma velocidade que não lhe exija nenhum esforço particular; após este procedimento, a criança aumenta a velocidade do lápis de modo a arrastar o movimento dos olhos; a seguir será reduzida a materialização do percurso de modo a distender o seu movimento; de início a velocidade diminui o nível de compreensão, no entanto, se a velocidade for mantida, a compreensão aumenta. A velocidade pode ser aumentada novamente até atingir as 800 palavras por minuto.

A *varredela vertical* corresponde a objectivos da leitura selectiva e ultra-selectiva; são retiradas do texto informações pontuais ou o que é mais importante, interessante, novo e essencial; o texto é apanhado em movimento por um leitor que utiliza a totalidade do seu campo visual; a velocidade de leitura correspondente varia entre as 1000 e as 4000 palavras por minuto. A criança deve começar por ler todas as palavras que iniciam cada linha do texto, depois lê a primeira e a última e, só depois, deverá ler a parte central. Este tipo de leitura permite desenvolver a lateralidade. Seguidamente apresenta-se um texto que exemplifica como se pode treinar este tipo de leitura.

O CASO DO PAPAGAIO DA DUQUESA BOL SÁ CHEIA

O Inspector Ajuda Ajuda foi chamado à casa da milionária Duquesa Bol Sá Cheia. O seu papagaio de estimação havia sido raptado. Os raptadores pediam de resgate dois milhões de Euros. A Duquesa Bol Sá Cheia já tinha pago o resgate e nada de ter o papagaio de volta.

A Duquesa Bol Sá Cheia disse ao Inspector Ajuda Ajuda que o seu mecânico particular Men Tiroso foi quem recebeu o bilhete com o pedido de resgate e, depois de o ter lido, é que a avisou desesperado.

O Inspector Ajuda Ajuda foi então falar com o mecânico Men Tiroso. O mecânico disse-lhe: “Lembro-me bem, foi num dia como hoje. Eu também estava a desmontar um motor na hora que recebi e li o bilhete. Foi um choque e como sou muito sentimental, até chorei...”

O Inspector Ajuda Ajuda ouviu com atenção o mecânico Men Tiroso e foi para casa muito pensativo. Então, depois de ler e reler o bilhete, depois de analisar profundamente o caso, concluiu que o mecânico Men Tiroso estava mentindo. O que levou o Inspector Ajuda Ajuda a pensar assim? Como encontrou o resultado do enigma?

O Inspector Ajuda Ajuda tem a certeza que o mecânico Men Tiroso está envolvido no rapto do papagaio, pois ao analisar o bilhete com o pedido do resgate, viu que a folha de papel estava limpinha e sem nenhuma marca de sujidade. Mas, se como o mecânico Men Tiroso afirmou ter recebido o bilhete na hora em que estava a desmontar um motor e o leu, deveria ter manchado de óleo ou graxa a folha de papel. Assim, como o bilhete estava sem marcas de óleo ou graxa, ele só poderia estar a mentir e ser o principal responsável pelo rapto.

A *varredela diagonal* corresponde a objectivos de leitura selectiva; são extraídas do texto informações pontuais ou permite registar o que é mais importante, interessante e novo; o texto não é apreendido na sua sintaxe, é fotografado no seu conjunto; a velocidade correspondente varia entre as 1000 e as 2000 palavras por minuto. Apresenta-se o texto seguinte como exemplo.

O CASO DO PAPAGAIO DA DUQUESA BOL SÁ CHEIA

O Inspector Ajuda Ajuda foi chamado à casa da milionária Duquesa Bol Sá Cheia. O seu papagaio de estimação havia sido raptado. Os raptadores pediam de resgate dois milhões de Euros. A Duquesa Bol Sá Cheia já tinha pago o resgate e nada de ter o papagaio de volta.

A Duquesa Bol Sá Cheia disse ao Inspector Ajuda Ajuda que o seu mecânico particular Men Tiroso foi quem recebeu o bilhete com o pedido de resgate e, depois de o ter lido, é que a avisou desesperado.

O Inspector Ajuda Ajuda foi então falar com o mecânico Men Tiroso. O mecânico disse-lhe: - Lembro-me bem, foi num dia como hoje. Eu também estava a desmontar um motor na hora que recebi e li o bilhete. Foi um choque e como sou muito sentimental, até chorei...

O Inspector Ajuda Ajuda ouviu com atenção o mecânico Men Tiroso e foi para casa muito pensativo. Então, depois de ler e reler o bilhete, depois de analisar profundamente o caso, concluiu que o mecânico Men Tiroso estava mentindo. O que levou o Inspector Ajuda Ajuda a pensar assim? Como encontrou o resultado do enigma?

O Inspector Ajuda Ajuda tem a certeza que o mecânico Men Tiroso está envolvido no rapto do papagaio, pois ao analisar o bilhete com o pedido do resgate, viu que a folha de papel estava limpinha e sem nenhuma marca de sujidade. Mas, se como o mecânico Men Tiroso afirmou ter recebido o bilhete na hora em que estava a desmontar um motor e o leu, deveria ter manchado de óleo ou graxa a folha de papel. Assim, como o bilhete estava sem marcas de óleo ou graxa, ele só poderia estar a mentir e ser o principal responsável pelo rapto.

Variação dos métodos

Foram ainda exploradas situações de leitura onde se tentou variar os métodos. Por exemplo, as crianças liam as três primeiras linhas da esquerda para a direita e as três seguintes da direita para a esquerda e, assim sucessivamente. Também se explorou a leitura em voz alta a pares utilizando este tipo de leitura, do qual se apresenta um exemplo.

O CASO DO PAPAGAIO DA DUQUESA BOL SÁ CHEIA

O Inspector Ajuda Ajuda foi chamado à casa da milionária Duquesa Bol Sá Cheia. O seu papagaio de estimação havia sido raptado. Os raptadores pediam de resgate dois milhões de Euros. A Duquesa Bol Sá Cheia já tinha pago o resgate e nada de ter o papagaio de volta.

A Duquesa Bol Sá Cheia disse ao Inspector Ajuda Ajuda que o seu mecânico particular Men Tiroso foi quem recebeu o bilhete com o pedido de resgate e depois de o ter lido, é que a avisou desesperado.

O Inspector Ajuda Ajuda foi então falar com o mecânico Men Tiroso. O mecânico disse-lhe: - Lembro-me bem, foi num dia como hoje. Eu também estava a desmontar um motor na hora que recebi e li o bilhete. Foi um choque e como sou muito sentimental, até chorei...

O Inspector Ajuda Ajuda ouviu com atenção o mecânico Men Tiroso e foi para casa muito pensativo. Então, depois de ler e reler o bilhete, depois de analisar profundamente o caso, concluiu que o mecânico Men Tiroso estava mentindo. O que levou o Inspector Ajuda Ajuda a pensar assim? Como encontrou o resultado do enigma?

O Inspector Ajuda Ajuda tem a certeza que o mecânico Men Tiroso está envolvido no rapto do papagaio, pois ao analisar o bilhete com o pedido do resgate, viu que a folha de papel estava limpinha e sem nenhuma marca de sujidade. Mas, se como o mecânico Men Tiroso afirmou ter recebido o bilhete na hora em que estava a desmontar um motor e o leu, deveria ter manchado de óleo ou graxa a folha de papel. Assim, como o bilhete estava sem marcas de óleo ou graxa, ele só poderia estar a mentir e ser o principal responsável pelo rapto.

No âmbito da escrita

Pelo enfoque que os projectos de investigação-acção tiveram na melhoria da qualidade das aprendizagens e cujos reflexos resultaram na (trans)formação das pessoas e contextos envolvidos, gostaria de partilhar algumas amostras de escrita que nasceram das crianças para que possamos reflectir sobre o processo que as levou a descobrir, a aprender a controlar a escrita e a forma como escreviam, à medida que se foram implementando métodos de escrita criativa.

Actividade 6 | Exploração de histórias

Partindo do início da história “Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho” de Alice Vieira as crianças foram transportadas para o mundo da surpresa e da magia. A história foi lida até ao ponto imediatamente anterior ao aparecimento do anúncio. No dia seguinte quando chegaram à escola as crianças observaram um conjunto de pegadas que as conduziu até à sala. Na sala fez-se silêncio, escrito em letras gordas no quadro podia ler-se um anúncio. A partir daí as crianças foram convidadas a responder ao respectivo anúncio criando uma personagem fantástica, oferecendo-se a elas próprias ou a alguém que elas conhecessem.

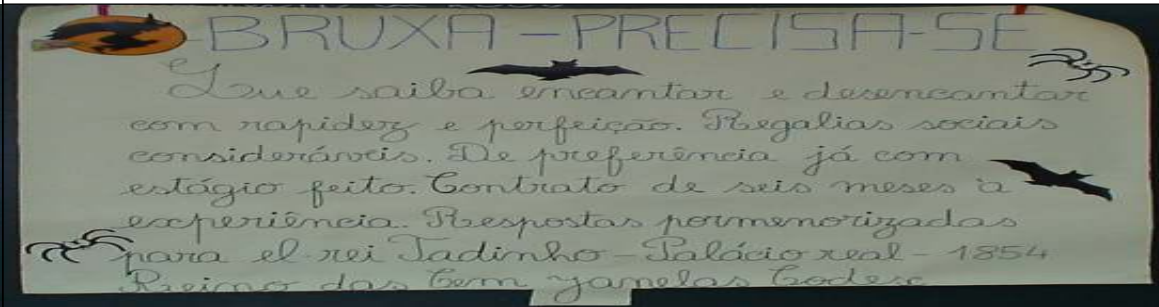
Actividade: Exploração do Livro “Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho” de Alice Vieira	Método	Objectivo
Após a exploração do livro foi proposto às crianças a leitura atenta de um anúncio. Elas teriam de responder ao anúncio, podendo “oferecer-se” a elas próprias como bruxas(os) ou então alguém que conhecessem.	<i>Block-busting</i> (Desbloqueamento na escrita)	Imaginar personagens
Anúncio ao qual as crianças tiveram de responder		
		

Fig. 3

As respostas ao anúncio foram transcritas pelas crianças em Word, impressas em formato A4 e, posteriormente, enviadas para a autora do livro. As cartas manuscritas serviram de suporte para a elaboração de um livro.


Exemplo de um anúncio Com ilustração e o trabalho final transformado em livro	
<p>Rei-Tadinho: Eu chamo-me Rui e conheço a bruxa ideal para si, ela chama-se Teresa. Sempre que chega a casa põe-se a cantar e depois voa sem ninguém a ver. Ela é muito má, só gosta de fazer maldades e de tramar as pessoas. Ela faz bruxarias e voa com os morcegos toda a noite e bate-lhes porque não consegue dormir. É a ideal para o seu reino porque mais má que ela não há. Com o olhar transforma tudo e resolve todos os problemas. Vive em Bragança, na rua das Bruxas, n.º 13.</p> <p style="text-align: right;">Rui</p>	

Fig. 4

Actividade 7 | Construção de marionetas e elaboração de uma história colectiva

Esta actividade iniciou-se com a construção de marionetas, utilizando tiras de gesso, cordas, bolas de esferovite e tecidos. Para a explicitação do processo de construção das marionetas convidou-se uma pessoa externa à instituição. Na semana que antecedeu a realização da tarefa, foi pedido aos alunos que arrajassem roupas de bonecos que tivessem em casa, tecidos e lãs. Embora eles questionassem a utilização posterior do material, as professoras mantiveram-na em sigilo total, o que funcionou como motivação interna, despertando-lhes a

curiosidade. Na semana seguinte as professoras apresentaram um teatro de marionetas. Estavam criadas as condições para convidar as crianças à sua construção. A pessoa convidada ia dando indicações para a construção das marionetas e, a pouco e pouco, as “figuras” iam ganhando um rosto.

É importante referir que o processo de construção das marionetas foi bastante moroso, além da sua elaboração com gesso e cordas, foram ainda pintadas, vestidas, etc. Com base nas personagens construídas, as crianças construíram um texto colectivo que serviu de base para uma peça de teatro que representaram na festa final de ano.

O método de escrita criativa utilizado foi *Escrita em grupo/colectiva* e o objectivo foi utilizar diferentes formas artísticas no desenvolvimento da expressão escrita em grupo.

As Figuras 5 e 6 documentam o processo e o resultado final desta actividade.



Fig. 5



Fig. 6

Para contextualizarmos melhor o resultado final apresentamos o texto colectivo escrito pelas crianças, após terem definido o nome de todas as marionetas construídas.

História elaborada pelos alunos | “O Capuchinho Azul”

Era uma vez uma menina chamada Luísa mas todos a conheciam por Capuchinho Azul porque trazia sempre na cabeça um chapéuzinho azul. Capuchinho Azul tinha uma grande amiga – a Bela Adormecida. Certo dia, a bela Adormecida encontrou uma rosa encantada, picou-se nela e adormeceu. O Capuchinho Azul, começou a gritar por ajuda e a mãe, vendo-a tão aflita, disse-lhe:

- Não te preocupes. O avô pode ajudar-te. Vai a casa dele buscar um remédio contra rosas encantadas e também aproveitas para lhe levar este cesto com bolos. Mas tem cuidado pois a floresta é muito perigosa, olha bem para os lados e não pares a falar com ninguém. Ouviste bem?

- Sim, sim; não te preocupes. Até logo!

Na floresta, viviam os seres mais estranhos que possamos imaginar e não é que também andava por lá o Pai Natal? Este, quando viu a menina por ali sozinha, aproximou-se dela sorrateiramente e disse-lhe: - Olá Capuchinho Azul! O que andas a fazer pela floresta?

- Vou a casa do meu avozinho buscar remédio para a minha amiga Bela Adormecida que se picou numa rosa encantada.

-Vamos ver quem chega primeiro? Tu vais por este caminho que é mais curto e eu vou pelo caminho mais comprido.

- Está bem. Eu vou ganhar vais ver. Até já.

Desataram os dois a correr mas, o Pai Natal, subiu rapidamente para as renas e chegou primeiro. Bateu à porta e o avô perguntou: - Quem é?

- Sou eu, a tua neta Capuchinho Azul. Abre rápido que vem ali o lobo mau.

O avô abriu a porta e quando viu que não era a sua neta, ficou furioso e deu uma grande sova no Pai Natal.

- Toma, toma! Desgraçado! Quem pensas que enganas? Julgas que eu sou tonto como a avozinha da história do Capuchinho Vermelho ou quê?
O Pai Natal fugiu dali a sete pés a gritar: - Ai! Ai! Socorro!
No meio de tanta correria e gritaria apareceu a Branca de Neve que andava fugida dos sete anões e levava um cesta com maçãs envenenadas.
- Por aqui Pai Natal? Coitadinho, estás tão magoado... Come uma maçã destas que te vai fazer bem.
- Que rica maçã!
- Come! Come!
Comer, comeu mas apercebeu-se que a maçã estava envenenada porque quase caiu para o lado e começou a sentir-se mal.
- Como foste capaz, sua malvada? Ajuda-me, tu não vês que o Natal está quase a chegar e eu tenho muito que fazer?
- Eu sou como tu. Ah! Ah! Ah!
- Eu não sei como os anõezinhos te conseguem aturar! Salva-me por favor!
- Está bem, está bem! Mas só se me prometeres que passas a dar caixas de presentes vazias pelo Natal às crianças.
- Está combinado. Isso é que vai ser de morrer a rir!
- Então come esta maçã e desaparece-me da vista.
Entretanto, o Capuchinho Azul chegou a casa do avô e explicou-lhe: - Sabes, avô, tenho um problema muito grave para me ajudares a resolver.
- Muito grave? Diz lá o que queres.
- A minha amiga Bela Adormecida picou-se numa rosa encantada e adormeceu. Preciso de um remédio para a acordar.
- Rosa encantada? Isso é canja. Vamos lá rápido. Sobe aqui para as renas do Pai Natal.
Chegados junto à Bela Adormecida o avô deu-lhe dois estalos e disse-lhe: - Toma lá, sua espertalhona, querias dormir? Eu já te dou a preguiça. Toca a levantar!
- Também não é preciso tanto, eu só queria descansar uns dias.
- Eu dou-te o descanso! Vamos! Que está um príncipe à espera que lhe vás dar um beijo para o despertar num reino distante.
A Bela Adormecida fugiu dali muito envergonhada e o avô virou-se para a neta e disse-lhe: - E tu, minha grande tonta, pára de confiares em toda a gente!

Actividade 5 | Intervenção de Catálogos

Esta actividade foi pensada tendo como objectivo principal sensibilizar para a reutilização de materiais. Neste sentido recolheram-se catálogos diferentes (por exemplo de tintas) e utilizando materiais diversificados convidaram-se as crianças a intervencionarem esse suporte. Após a intervenção, cada criança escreveu a sua história tendo em conta a sequencialização que deu às ilustrações. Nas Figuras 7 e 8 apresenta-se um exemplo de todo o processo.

Actividade: Intervenção de catálogos de tintas Com jornais, revistas e outros materiais	Método	Objectivo
Intervenção de catálogos existentes e criação de histórias	Cluster	Sensibilizar para a reutilização de materiais. Interligar o pensar artístico em forma de imagens e o pensar linear.

Exemplo de um catálogo antes da intervenção



Fig. 7



Fig. 8

Outras Actividades

Utilizando como método de escrita criativa o *trabalho com o texto* foram também explorados os livros “**O poeta faz-se aos 10 anos**” de **Maria Alberta Meneres** e a “**Cantiga das Mentiras**” de **Alice Vieira**. No primeiro livro a autora relata as suas experiências enquanto professora e descreve o dia em que mandou os seus alunos fazerem uma composição sobre a Primavera. Foi com base nesta passagem do livro, que se convidaram as crianças para a construção de um texto sobre a Primavera, mas foi-lhes dito previamente que nas suas composições não podiam ser utilizadas determinadas expressões, estando estas escritas no quadro negro. Depois dos textos elaborados, as crianças prosseguiram com a ilustração. No segundo texto o objectivo foi trabalhar o texto com as crianças no dia das mentiras. Depois de explorado o texto, convidaram-se a que, todas em conjunto, tentassem transformar aquela “**Cantiga das Mentiras**” numa “**Cantiga das Verdades**”. De seguida, cada uma das crianças criou a sua própria “**Cantiga das Mentiras**”, leu-a em voz alta para toda a turma, e procedeu à respectiva ilustração. Os textos produzidos serviram para a produção de mais dois livros.

As crianças participaram ainda no **Concurso Literário António Mota**. Depois da leitura do regulamento do concurso houve necessidade de escolher um livro da colecção Obras de António Mota, optaram pelo livro “**O Grilo Verde**”, uma vez que este estava a ser explorado na área de Língua Portuguesa. Redigiram um texto de três páginas, formato A4, e produziram um fim alternativo para o livro.

Algumas considerações

Ao longo do desenvolvimento dos projectos procurámos analisar todo um percurso que une a Literatura para a Infância aos contos escritos pelas próprias crianças – portanto, a lecto-escrita tornou-se o objecto da nossa análise. Tentámos que a exploração de métodos leitura e de escrita criativa funcionassem como linha condutora de todo o projecto, constituindo-se como um elemento agregador de todas as possíveis reflexões.

Em termos práticos, e situando-me no papel de orientadora, tratou-se de pensar em possibilidades geradoras de mudança que, por pequenas que fossem, pudessem ter alguns

efeitos positivos para o desenvolvimento da competência escrita das crianças e, simultaneamente, contribuísssem para que as formandas reflectissem sobre as práticas em contexto e se tornassem autónomas na sua acção pedagógica, compreendendo a educação de uma forma crítica, assumindo-a ainda numa perspectiva indagadora.

Acreditamos que os métodos de leitura e de escrita criativa funcionaram como uma ponte entre a criança e o livro, pois também nós descobrimos de que modo estes podem fazer parte integrante da nossa prática e constatámos quão importante se torna a utilização destes instrumentos, tanto na educação das crianças como na formação de futuros(as) professores(as).

Pudemos, assim, constatar que qualquer professor(a) pode ser mediador(a) de técnicas de expressão dramática, bem como de outras formas de expressões artísticas e ao mesmo tempo contribuir para o desenvolvimento de competências de lecto-escrita, pois as actividades que implementámos na sala de aula e tivemos o cuidado de descrever (superficialmente), reflectem que as expressões leitura/escrita e as mais diversas formas de expressões artísticas se podem “aliar”. Percebemos que o ensino-aprendizagem da leitura/escrita e a aquisição de competências literácicas se faz através de exercícios sistemáticos e constantes, em que a criança faça uso da língua em situações diversas, mas que compete ao professorado criar condições para que esta leia/escreva dando algumas indicações precisas sobre a finalidade com que lê ou escreve e sobre o destinatário para quem escreve, pois a finalidade e o destinatário do texto condicionam a apresentação e organização do mesmo, a escolha dos actos de fala e o tipo de linguagem. Com a implementação do projecto fomos também entendendo que a criança se tornava leitora daquilo que produzia, isto é, todas as crianças, semanalmente, levavam para casa um dos livros que iam sendo criados. Neste sentido, o projecto extrapolou as nossas expectativas iniciais pois os pais foram envolvidos naturalmente num processo de *leitura a par*.

Uma análise ampla do trabalho desenvolvido e das técnicas experimentadas com os projectos não ignora que o assunto envolveu um número elevado de capacidades gerais, permitindo ainda a prática de um ensino integrado.

Referências Bibliográficas

CADÓRIO, Leonor (2001). *O gosto pela leitura*. Lisboa. Livros Horizonte.

DUARTE, Isabel Margarida (2002). *Gavetas de leitura: estratégias e materiais para uma pedagogia da leitura*. Lisboa. Edições ASA.

GIL, J., CRISTÓVAM-BELLMANN, I. (1999). *A construção do corpo ou exemplos de escrita criativa*. Porto Editora: Porto.

MOREIRA, M. A. et al. (2006). A investigação-acção na formação reflexiva de professores em formação inicial: percursos e evidências de um projecto de supervisão. In F. Vieira et al. *No caleidoscópio da supervisão: imagens da formação e da pedagogia*. Mangualde: Edições Pedagogo (pp. 45 – 72).

RECASENS, M. (1994). *Como jogar com a linguagem*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

VIEIRA, F. (2006). Para uma pedagogia transformadora na formação pós-graduada em supervisão. In F. Vieira et al. *No caleidoscópio da supervisão: imagens da formação e da pedagogia*. Mangualde: Edições Pedagogo (pp. 151 – 187).